

# ALDENOURA DE SÁ PORTO: A HISTÓRIA DE UMA EXCLUSÃO

Marli Walker<sup>1</sup>  
Luiz Renato de Souza Pinto<sup>2</sup>

## RESUMO

Este texto apresenta a fase inicial da pesquisa sobre a exclusão de Aldenoura de Sá Porto da *História da Literatura de Mato Grosso – século XX*, de Hilda Gomes Dutra Magalhães. O trabalho de resgate e revisionismo ocorreu em virtude do acesso ao relatório da pesquisa, no qual a obra da prosadora está inserido. Curiosamente, os excertos e análises não constam no livro publicado pela professora e pesquisadora da Universidade de Mato Grosso, em 2001. Tenta-se, a partir desse resgate, levantar hipóteses para compreender a retirada da prosadora do compêndio historiográfico e problematizar o processo exclusionário de significativa e volumosa obra escrita por mulher.

**Palavras-Chave:** Aldenoura de Sá Porto, *História da literatura de Mato Grosso*, mulher, literatura.

O registro historiográfico da literatura produzida por mulheres em Mato Grosso não foge ao fenômeno do apagamento que ocorreu no Brasil e em todo o mundo. Ausências, silêncios e lacunas são a tônica de um processo que, tardiamente, vem sendo alterado. Em âmbito local, em 2001, Hilda Magalhães, professora e pesquisadora da Universidade Federal de Mato Grosso, publicou a *História da Literatura de Mato Grosso: século XX*, apresentando poetas e prosadores, homens e mulheres, desde o período denominado Clássico até as manifestações contemporâneas à publicação.

Pois bem, o que motiva esta reflexão é que, recentemente, em posse de repografia do relatório final da pesquisa realizada sob a coordenação da professora Magalhães, constatou-se, no texto disponibilizado à leitura e consulta na biblioteca da Universidade Federal de Mato Grosso, *Campus* de Rondonópolis, a presença da prosadora Aldenoura de Sá Porto. No entanto, na edição impressa em livro, lançada em seguida, não consta o registro da escritora e sua obra, cujos únicos resquícios

---

<sup>1</sup> Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – IFMT – Campus Cuiabá e do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLETRAS) – UNEMAT – Campus de Sinop. Doutora em Literatura e Práticas Sociais – UnB. E-mail: marli.walker@cba.ifmt.edu.br

<sup>2</sup> Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – IFMT – Campus Cuiabá. Doutor em Letras – Literaturas em Língua Portuguesa – UNESP, Campus de São José do Rio Preto. E-mail: luiz.pinto@cba.ifmt.edu.br

permaneceram na bibliografia exposta no final da historiografia, fato que suscita, de imediato, alguns questionamentos fundamentais: 1) que motivações ocasionaram a exclusão da produção literária da autora do conjunto da obra historiográfica?; 2) quais critérios foram utilizados para excluir o seu nome e sua obra da historiografia literária de Mato Grosso, os excertos e análises dos romances, dentre os quais *Mulheres esquecidas*?; 3) em que medida é possível reescrever/reinscrever Aldenoura de Sá Porto na história da literatura de Mato Grosso do século XX?; 4) como se estabelece o cânone acadêmico ao longo do tempo considerando a exclusão ora apontada e em que medida é possível incluir obras arrancadas da historiografia?

Para proceder à elaboração de possíveis respostas a esses questionamentos ressalto, antes e acima de tudo, a relevância fulcral da pesquisa de Magalhães para qualquer estudo que se pretenda sério e compromissado com a literatura brasileira produzida em Mato Grosso. Trata-se de texto basilar, de fôlego e profundidade singulares e ímpares, dadas as pesquisas anteriores tratarem de aspectos mais gerais, de caráter marcadamente masculino e, portanto, pautadas no viés da narrativa centrado na voz hegemônica do homem letrado, branco, detentor e instituidor do capital simbólico que visa estabelecer como representação de um conjunto sociocultural dado. A História da Literatura de Mato Grosso – século XX, de Hilda Magalhães, é referência e fonte para estudiosos, pesquisadores e todos aqueles que desejam vislumbrar a essência do cânone da literatura aqui produzida, incluindo uma parcela significativa de escritoras mulheres até então relegadas ao esquecimento.

Tendo em vista, entretanto, que se julga importante investigar e discutir, sob a ótica dos estudos revisionistas e de gênero, relevantes ausências dos compêndios historiográficos e, por conseguinte, do cânone, detenho minha reflexão, inicialmente, às historiografias locais no intuito de demarcar o já escasso número de presenças femininas nos registros bibliográficos até hoje publicados. Antes, porém, estabeleço breve diálogo com Rita Schmidt (1997) que problematiza essa questão no âmbito de um discurso crítico latino-americano que possa se construir como um projeto orgânico e dinâmico de intervenção nas práticas acadêmico-culturais, de modo a não nos rendermos e repetirmos o discurso hegemônico pautado na ótica da colonização, e nem tampouco nos apropriarmos, de forma mecânica, do discurso do outro, pois é preciso muita cautela com esse horizonte exegético da diferença construído pelo olhar etnocêntrico, tradicionalmente investido do poder da representação/poder da significação. Porquanto, é no horizonte do comprometimento com a desconstrução de valores totalitários

hegemônicos e seus discursos de legitimação que o investimento no poder de interpretação/significação perfaz o circuito da teoria e da práxis na configuração de dois grandes eixos de investigação: resgate e revisionismo.

Schmidt (1997) entende que o trabalho de resgate diz respeito à recuperação da produção literária de autoria feminina do passado, relegada por uma tradição crítica incapaz de assumir os preconceitos inerentes aos seus métodos e que, sistematicamente, menosprezou-a sob o argumento de que foi e continua sendo uma produção deficitária ou inferior em relação ao perfil de realização de obras modelares, coincidentemente, de autoria masculina. Ora, a representação é o fulcro de toda a prática discursiva. Ela é tão poderosa em criar realidades e moldar os seus sentidos, que o controle ideológico de seus mecanismos de organização e significação sempre foi a forma mais eficaz de manutenção do poder. Entende-se, assim, porque as convenções literárias impunham limitações à experiência feminina.

O revisionismo, por seu turno, articula-se a partir da constatação da ausência da autoria feminina na historiografia literária, o que traz à tona questões relativas à construção de gênero nos discursos institucionais do campo literário, os quais controlam a produção de significados que irão necessariamente circular também no campo social. A revisão do discurso crítico busca produzir e manter certa definição de literatura que venha garantir a legitimidade de obras merecedoras de integrar o nosso capital simbólico – o cânone – e, ao mesmo tempo, garantir a invisibilidade daquelas consideradas como destituídas de valor. Revisar as obras canônicas, o discurso crítico que as legitima como tal, bem como o discurso da nossa historiografia, do ponto de vista de sujeitos que falam explicitamente do lugar de onde se constituem e se posicionam como mulheres, referentes concretos e empíricos de tudo o que tem sido dito, presumido ou teorizado sobre sujeitos femininos, significa viabilizar novas interpretações/significações e, nesse processo, entender e explicar o que sabemos e como o sabemos, de forma a divisar outros saberes possíveis.

Isso posto, voltemos para as bases sobre as quais se assentam as possibilidades investigativas para quem busca resgatar e revisar textos que estabelecem aquilo que é validado academicamente e, por conseguinte, lido como história posta e acabada. Na sua *História da Literatura do Mato Grosso: Século XX* (2001), Hilda Magalhães afirma preocupar-se em trazer à baila alguns nomes que considera lamentavelmente esquecidos no que se refere a apoio e incentivos de políticas de fomento à arte literária para reedição de obras basilares da literatura produzida no Estado. É curioso, no entanto,

verificar que o espaço destinado à produção de mulheres esteja visivelmente disforme em relação à criação masculina. Embora a pesquisadora lamente, em conclusão à pesquisa, que o esquecimento “mais implacável tem sido com a produção feminina”, (MAGALHÃES, 2001, p. 314), não houve preocupação em mapear a produção das mulheres que fundaram o *Grêmio Literário Júlia Lopes*<sup>3</sup> e, com ele, a revista *A Violeta*<sup>4</sup>, cuja duração e veiculação foi a mais longeva entre as organizações literárias surgidas no Estado. Apenas a produção lírica de Arlinda Pessoa Morbeck, como representante feminina da primeira metade do século XX, é citada na pesquisa, quando várias poetisas registraram seus escritos em Mato Grosso no período estudado por Magalhães. É curioso verificar que mesmo uma pesquisadora de fôlego que se propõe escrever a história da literatura do século XX em Mato Grosso tenha preterido a produção feminina das primeiras décadas desse século.

Sobre essa questão, Rita Schmidt (1997) adverte para as tensões que a formalização de um espaço da mulher na literatura possam gerar aos meios acadêmicos, pois esse lugar se situa sob o olhar vigilante das instituições – a literária e a acadêmica – e se constitui num gesto político no sentido de reivindicar a visibilidade e a legitimidade da mulher como sujeito produtor de discursos e de saberes na leitura da produção, recepção e circulação de objetos literários, particularmente no contexto que a historiografia e o discurso crítico construíram como tradição literária.

O historiador, romancista, ensaísta e poeta Rubens de Mendonça publicou, em sua *História da literatura mato-grossense*, em 1970, a literatura produzida no Estado desde o século XVIII. Embora não se questione o valor da obra, o silêncio em torno das produções femininas é latente, configurando a história da literatura mato-grossense desse pesquisador como uma história da literatura mato-grossense produzida por homens. Salvo a referência às prosadoras Maria Dimpina Lobo Duarte, por sua dedicação à revista *A Violeta*, e Vera Iolanda Randazzo, e as poetisas Maria de Arruda Müller e Amália Verlangieri, a obra refere-se, do início ao fim, a nomes masculinos. Outro pesquisador e estudioso da cultura local, Lenine Póvoas, publicou em sua *História da cultura matogrossense* (1982) um capítulo sobre os primeiros textos literários registrados no Estado. Abarcando um período que abrange desde o século XIX

---

<sup>3</sup> Importante agremiação que congregou em seu espaço artistas mulheres envolvidas com a criação e divulgação da literatura, da música e dos mais variados assuntos pertinentes ao universo feminino.

<sup>4</sup> Revista dedicada às publicações da produção literária das integrantes do *Grêmio Literário Júlia Lopes*, conhecida como a mais longeva no gênero, na capital mato-grossense.

até a coetaneidade da pesquisa, o autor cita apenas as poetisas Benilde Borba de Moura, Amália Verlangieri e Guilhermina de Figueiredo, e a prosadora Vera Iolanda Randazzo.

Já neste século, em 2003, o pesquisador Carlos Gomes de Carvalho lista, em *A poesia em Mato Grosso*, cento e sete poetisas que, segundo seus estudos, protagonizaram dois séculos de poesia no Estado. Dentre os nomes apresentados por Carvalho, menos de dez por cento são mulheres. Sabe-se, no entanto, que, mesmo não havendo publicado em jornais, revistas ou em livro tanto quanto os homens, as mulheres mato-grossenses, como as brasileiras, escreveram e publicaram em jornais e revistas sempre que puderam e fizeram da escrita um meio de dizer de si, seus anseios e suas angústias, como também manifestar esteticamente as emoções que inspiravam o exercício poético.

Traçado esse panorama, retomamos a questão da exclusão de Aldenoura de Sá Porto na historiografia local. Conforme dossiê enviado pela filha da prosadora, a escritora viveu com a família em Corumbá (Mato Grosso indiviso), na tríplice fronteira entre o Brasil, o Paraguai e a Bolívia, nos anos de 1961 a 1964. Nesse período, escreveu para três jornais da cidade e criou o programa radiofônico *Caleidoscópio no Ar*, no qual entrevistava mulheres de todos os níveis sociais, evidenciando sua igualdade aos homens, em direitos e deveres. Em 1964, em função do Golpe Civil-Militar, nos primeiros dias de abril, sua obra literária foi caçada e seus livros rasgados. Presa e torturada, foi a única mulher detida junto a mais ou menos 200 homens, no navio Guaicará, ancorado às margens do Rio Paraguai. Em seguida, os oficiais das Forças Armadas decidiram por sua prisão domiciliar, na Vila Militar, sob forte vigilância de soldados armados com metralhadoras.

Anos mais tarde, já morando em São Paulo, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais. Além de escritora, atuou como advogada, radialista, jornalista e conferencista. Como militante política, fundou o Partido Brasileiro das Mulheres (PMB), depois substituído pelo Partido Brasileiro de Defesa dos Direitos da Mulher (PBDDM), para cuja fundação percorreu vinte e dois estados do território nacional, criando comissões e diretórios. Fundou o jornal “Mulheres Unidas” e o “Jornal da noite”. Foi convidada pela Confederação das Mulheres pela Paz Mundial para eventos em Montevideu e Washington. Entre os vários livros que deixou escritos, destaca-se o tratado político e filosófico *Deus é mulher* (2011). Estreou na literatura em 1946 com o romance *Do outro lado da vida*. Em seguida publicou *Mulheres esquecidas* (1949), *A ceia dos condenados* (1955), *O grito de Augusto* (1967) e *Só porque eu fui à Rússia* (1987). Dona de um espírito inquieto e estilo revestido de incontestável atitude vanguardista,

Aldenoura de Sá Porto produziu até os últimos dias de vida, deixando um legado extraordinário de suas lutas em prol de políticas que contribuíram na construção da autonomia e valorização da participação da mulher na busca pela igualdade de gênero. A escritora faleceu há dois anos, em 04 de junho de 2016, aos 97 anos. Sua obra estabelece alicerces sólidos para todas as vozes femininas que se ergueram e se erguem para construir o espaço da autonomia feminina no campo das artes e da cultura.

No conjunto da obra, o romance *Mulheres esquecidas* (1949) assume singular relevo para os estudos de gênero em função da temática ousada para a época, cuja narrativa centra-se na trajetória de uma menina que, pela crueza de sua desventura, apanha-se sozinha, sem família, sem amigos, sem ninguém em pleno garimpo mato-grossense, ambientado na região do Araguaia. O prostíbulo, suas habitantes e experiências vivenciadas nesse meio constituem os elementos trazidos à luz por uma narradora que rompe a tradição ao descentrar a trama dos espaços sociais autorizados e aceitos socialmente para instituir no centro dele personagens incomuns para a literatura da época. Os desdobramentos dessa contingência assumem, no romance, o pano de fundo para a escritora dar voz à personagem Mariazinha, que denuncia uma vivência solitária e desumana nos confins do sertão de Mato Grosso. A relevância da obra, no entanto, não se resume apenas a essas características.

O desdobramento considerado fulcral é que a publicação do romance *Mulheres esquecidas* (1949) rendeu a Sá Porto convite para representar o Brasil no IV Congresso da Federação Internacional das Mulheres, na Áustria. Ora, na ocasião, em companhia de escritoras de outros continentes, visitou a Rússia. Por conta desse fato, quando retornou ao Brasil, foi considerada subversiva, sendo presa e torturada. As implicações advindas desse episódio acabam por constituir a narrativa *Só porque eu fui à Rússia* (1987) “uma espécie de documento literário que reproduz os abusos e arbitrariedades pelas quais passavam as mulheres e registra a árdua luta da autora na tentativa de conscientizar a mulher de seus direitos e emancipá-la no exercício da cidadania” (MAGALHÃES, [Repografia, s.d.]).

Diante do exposto, volto às questões propostas no início deste texto. Em meu auxílio, trago novamente as observações de Rita Schmidt (1997), que elabora importante reflexão a partir de indagações sobre o valor estético das obras de escritoras brasileiras esquecidas, e o que essas obras podem acrescentar à literatura de períodos passados. A resposta às perguntas lançadas no início deste texto suscita relações com gestos institucionais ligados a práticas exclusionárias que funcionam como instrumento

de colonização intelectual. Levantar tal questão implica ferir a susceptibilidade da crítica dominante, na medida em que a crítica local e nacional ignorou e ignora as obras de autoria feminina por considerá-las do ângulo de uma economia deficitária, isto é, como obras que não se alinham ao perfil de realização estética das obras modelares – de autoria masculina – deslocando a leitura de identidade nacional posta. Ora, se o valor da obra literária, que contém vestígios de uma tradição cuja ideia é a da não-contingência da noção de valor literário, como se fosse possível sustentar uma visão essencialista da literatura, da universalidade e permanência, então essa postura implicaria em subtrair da questão de valor o seu caráter fundamental que é justamente a sua mutabilidade e diversidade.

Quer pela qualidade estética dos romances, quer pelo volume da obra de Aldenoura de Sá Porto, a ausência da escritora nas historiografias equivale à significativa subtração e apagamento deste capital simbólico que é nossa literatura. A retirada do texto dedicado à escritora da *História da Literatura de Mato Grosso – século XX* resulta em ainda mais intrigante questão quando localizamos o nome de Aldenoura de Sá Porto e de suas obras nas referências bibliográficas do texto de Hilda Magalhães, publicado em 2001. Outro aspecto curioso é que o nome da prosadora não consta na seção “outros autores”, que fecha, por assim dizer, cada um dos capítulos do texto historiográfico. Trata-se, pois, de um apagamento ocasionado por fatores circunstanciais, provocado por critérios que desconhecemos, e não de mero esquecimento ou fragilidade investigativa. A exclusão ocorreu em contingências que promoveram os resquícios verificados na bibliografia em flagrante denúncia de que os vestígios encontrados corroboram o apagamento e legitimam o relatório final da pesquisa que ora resgatamos. Vejamos, pois, trechos na íntegra do que foi relatado na pesquisa historiográfica e permanece disponível para leitura e consulta na biblioteca da Universidade Federal de Mato Grosso, *campus* de Rondonópolis. A partir da página 204, lê-se:

### *3.3- Aldeoura de Sá Porto: a denúncia social*

*Sua obra é essencialmente comprometida com a denúncia social. A esse respeito, escreve a própria autora, à guisa de prefácio ao seu terceiro livro, A ceia dos condenados:*

*“Ante o estado desesperador de um povo desajustado, somente protestos de indignação, gritos de socorro e vidas arruinadas poderiam constituir o ambiente de um livro em que o elemento humano é produto de um meio social em que vive, em que seu*

*pensamento é o reflexo do exterior, em que seu desenvolvimento cultural e físico é determinado por tudo que o cerca.” (C C, 11).*

*Dentro desse espírito, povoam sua obra personagens representativos das classes menos privilegiadas, como a mulher, em Mulheres esquecidas ou os marginalizados sociais, em A ceia dos condenados. No primeiro, ao tematizar a prostituição feminina, Aldeoura de Sá Porto denuncia a situação de exploração e subserviência em que vive a mulher na sociedade machista.*

*Já em a Ceia dos condenados (1995), Aldenoura de Sá Porto narra, em flash-back, a vida de três condenados, encarcerados numa mesma cela: um ladrão perdidamente apaixonado por uma prostituta por ele assassinada, um desempregado que se envolve com drogas para sustentar o atendimento médico à mãe (que acaba falecendo) e Paulo, advogado que se engaja na luta de classes e que, por esse motivo, acaba trancafiado junto aos demais.*

*Explorando o recurso de fluxo de consciência, os personagens mergulham nos acontecimentos do passado, fazendo emergir aos olhos do leitor, através das misérias individuais de cada personagem, uma sociedade cruel financiada pelo descrédito das instituições governamentais e pela injustiça social.*

*A obra chama a atenção pela crueza com que a realidade brasileira é exposta e pela expressividade da pena de Aldenoura de Sá Porto. João de Deus, nordestino, órfão, analfabeto, apático “Amaldiçoado porque sentia as necessidades que sentem os seres vivos” (C C,23 ), representa uma legião de miseráveis nordestinos que migram para São Paulo. Sem outro ofício, acaba “progredindo” na atividade de ladrão. Apaixonado por Lídia, uma prostituta oportunista, e autor de um crime passionai, João de Deus representa os anônimos personagens das páginas policiais dos jornais brasileiros, frutos da mesma fome, da mesma ignorância, do mesmo abandono, do mesmo desamor.*

*Ernesto, ante a urgência de providenciar assistência médica à mãe enferma, também personaliza, através de seus atos desesperados, um denúncia contra o sistema social injusto que temos no país. A falta de assistência médica e a má distribuição de renda submetem o cidadão a situações absurdas, em que a humanidade vale muito pouco. Assim como João de Deus, Ernesto também é um personagem anônimo, sem voz, indefeso e, paradoxalmente, perigoso. Por isso a “justiça” determina a sua prisão.*

*Paulo, o terceiro condenado, possui, ao contrário dos demais personagens, diploma de bacharel e é um cidadão engajado nas causas sociais. Por combater o*

*Sistema, acaba reduzido à mesma condição dos companheiros de cela: encarcerado e sem voz. Dos três condenados, Paulo é o único que pode ver com lucidez a realidade que o cerca e compreender o absurdo da situação em que vivem. São dele as palavras que se seguem:*

*“... no dia em que os homens compreenderem que a violência é a forja criminosa da dor humana e procurarem escutar os anseios naturais dos seus semelhantes então talvez haja menos assassinos e as cadeias se transformem em estabelecimentos da justiça para a aprendizagem do Bem, em vez de antros da maldição para o conluio de novas empresas do crime ...” (CC, 19)*

*Sonhador, o personagem representa os inúmeros heróis anônimos que movimentavam, em meados do século, o ideal revolucionário. Misto de pregador, filósofo, político, anarquista, Paulo é sobretudo a voz da denúncia, embora impedida de ação.*

*Em O grito de Augusto, publicado em 1967, também o pregador e o revolucionário se confundem. Augusto, na verdade Antônio Luiz Macedo e Castro, paulistano saturado da hipocrisia e da violência da cidade grande, se "aliena". no sertão mato-grossense sob o pseudônimo Augusto (Manuel Augusto, para a correspondência). Em Mato Grosso, participa da epopéia do povoamento das margens do Araguaia, onde atua como garimpeiro, pregador e professor.*

*Mais do que uma história de um pioneiro vencendo as barreiras da natureza para soerguer os pilares da civilização em terras insólitas, O grito de Augusto mostra um homem tentando resgatar e redimensionar sua própria identidade.*

*Escrito em 1967, O grito de Augusto comunga dos objetivos da literatura de 60, que, como se sabe, identificava-se com a realidade nacional, especialmente a rural, denunciando o atraso e a exploração existentes no interior do País. Assim, grande parte dos intelectuais da época, afinada com os anseios da classe trabalhadora, colocou sua pena a favor das minorias desprivilegiadas, fazendo de suas obras um discurso utópico e revolucionário.*

*Quarup, de Antônio Callado, é um exemplo bem-sucedido de textos que resgatam o Brasil rural e registram o ideal revolucionário da época. Nessa obra, o personagem principal, a exemplo de Augusto, também experiencia um processo de redimensão interior no qual o personagem abdica de sua subjetividade para se tomar um agente de transformação social.*

*Nessa mesma linha, Augusto passa por um longo aprendizado que implica na anulação dos próprios desejos e interesses para se dedicar à coletividade, servindo, de forma desprendida e incondicional, à coletividade. Após um longo período de sofrimento, renúncia e maturação, Augusto se sente enfim preparado para assumir a sua vocação de homem do mundo. Augusto pode agora assumir também um caráter simbólico diante do mundo. E, enquanto símbolo, subdividir-se e doar-se infinitamente à Humanidade:*

*Nessa certeza, não poderei receber a condecoração com que sua Exa. O governador do Estado, por intermédio de informações sobre minhas atividades, resolveu premiar-me. Devolverei a condecoração. Em forma de discurso. Escrito. Talvez me saísse bem no improviso. Mas escreverei. Na máquina de escrever portátil. E o mandarei para Izaura. A mulher símbolo. E para Antônio Luiz. O filho do Homem. Símbolo também. Nascendo em berços diferentes e desejando nascer apenas no berço do amor. Meu discurso será de devolução. A todos que tomaram possível a luta do reencontro. A todos que formaram a convicção vacilante e salvaram-me da mediocridade. Também Ceará. Primeiro aviso recebido e indispensável aos grupos heterogêneos aportados nos garimpos. (G.A, 126)*

*O grito de Augusto é, desse modo, uma homenagem aos homens "de bravura" que, com seu suor, abriram as portas da civilização em Mato Grosso, com todas as implicações que tal atitude acarretava numa época de escassez de recursos de toda ordem no Estado. Assim, a autora valoriza os anônimos que, com o suor e o sangue de seu rosto, abriram as estradas e o ventre da nação brasileira sem ter tido seu nome gravado em alguma placa ou haver recebido qualquer tipo de condecoração. É, ainda, um livro que canta o amor universal, o amor pelo outro, a alavanca da justiça, como se lê abaixo:*

*Também direi porque decidi viver em mundo de tolerância, renúncia, humildade e perdão. Pedirei desculpas pela prolixidade e no ponto final apontarei a básica necessidade do homem: Amar! E ser amado! Mostrarei como dói vê-lo exangue de sub-amor. Serão estas minhas últimas palavras:*

*Condecorados sejam os homens do mundo pelo que de sublime e encorajador escreveram e edificaram nos templos e nas universidades. Condecorados sejam porque me ensinaram a imitá-los e a repeti-los no desejo de mostrar a arma secreta da justiça para com a humanidade. Que é: \_Amá-la! (G.A, 127)*

*Este é o grito de Augusto: o Amor é insubstituível e inalienável. Paz e amor aos homens. Profeta de um novo mundo, misto de pregador, político e justiceiro, Augusto, ou Manuel Augusto, ou Antônio Luiz de Macedo e Castro, o cidadão do mundo (ou-das selvas), se-propõe -a ser o homem que revolucionará códigos e regimes sociais:*

*É bem aqui que devo parar. É bem aqui que armarei a barraca. Dentro dela jogarei o corpo quando a fadiga apontar-lhe o catre da provação. Abrirei o solo com a enxada e plantarei sementes. Início um povoado. Os ataques à emoção serão constantes. Nas noites de vigília recomporei Izaura de feição apagada na distância de quem não quis vir. Acorrentado à íntima solidão, quebrarei algemas. Sairei procurando adeptos para meu mundo de Paz. E no terreno árido da vida sem amor hão de florir sementes feitas em árvores para abrigar gerações abandonadas. Desconhecidos caminhos cortam a geografia de minha pátria quase continente. Sonhos e esperanças acalentam o sonho do homem que chega. Mensagens de fé na grande colheita do futuro, reformando opiniões, códigos, regimes sociais. Os homens para ajudar-me não tardam. Meu coração os percebe pelos caminhos do mundo. Vindo a mim. Indo para eles. (G.A, 135)*

*Assim como em Germinfl, de Émile Zola, o texto é grávido de esperança e de futuro, numa perfeita alegoria ao clima de revolução que inundava o Brasil dos anos 50 e 60:*

*Muitos dias são passados. A barraca, o sol os pássaros alegrando quem inutilmente esperou por Izaura. Pressinto a aproximação dos companheiros, meus amigos. Meus irmãos. A poeira solta no ar e o cheiro de terra, certeza da luta continua. Enquanto os aguardo surgir, quais figuras de legionárias conquistas, lembrarei. Primeiramente do Zé. E das razões que levaram uma sensibilidade de esteta, vagar na escuridão patética da loucura. (...) Eu peço perdão de não ter sido Antônio Luiz. Mas prometo salvá-lo. Na pessoa de meu filho. Que é também o seu filho. E será o homem do amanhã. Eu peço perdão de não ser Antônio Luiz e jamais ser Augusto (de Oliveira). Porque sou apenas o homem do mundo. Dividido e repetido em suas lutas de conquistas. O homem que em todas as terras há-de procurar o verdadeiro sentido de justiça e felicidade para seu povo. O homem que, superando correntes filosóficas, sem discriminações políticas e sociais, raciais, gritará em uníssono com os pacificadores: "amai-vos uns aos outros". (G.A, 136-7)*

*Como se pode constatar no fragmento acima, o livro veicula uma ideologia pró-revolução. Entretanto esse espírito otimista não resiste às obras da maturidade da*

autora, como é o caso de *Só porque fui à Rússia*, livro de grande relevância na produção de Aldenoura de Sá Porto. Escrito em 1987, é um romance autobiográfico denso e que reforça a preocupação social da autora, já comprovada nas obras anteriores, sem, todavia, a aura de esperança que caracteriza o romance que acabamos de analisar.

Assumindo um discurso feminista, *Só porque fui à Rússia* denuncia a situação desprivilegiada da mulher na sociedade e expõe as arbitrariedades da Ditadura Militar. Para entendermos essa obra é preciso ressaltar que Aldenoura de Sá Porto, após publicar *Mulheres esquecidas* (1949), foi convidada para representar o Brasil no IV Congresso da Federação Internacional das Mulheres, na Áustria, havendo, nessa oportunidade, conhecido a Rússia. Por esse fato, foi considerada subversiva, tendo sido presa e torturada. E é exatamente essa experiência (com todas as suas implicações na vida da autora) que temos narrada na obra.

Nesse sentido, *Só porque fui à Rússia* é uma espécie de documento literário que reproduz os abusos e arbitrariedades pelas quais passavam as mulheres e registra a árdua luta da autora na tentativa de conscientizar a mulher dos seus direitos e emancipá-la no exercício da cidadania. Mas, mais do que isso, *Só porque fui à Rússia* é uma espécie de "tratado de sociologia ou da vida do povo brasileiro", especialmente no período da ditadura militar. Ou, como afirma Antônio Dari, o livro é "um retrato falado das incompreensões humanas, a aguda frieza dos homens de Estado, aqueles que não hesitam em dar a tua vida em nome de uma ideologia sibilina, garantindo a manutenção das tentaculares ditaduras".

Operacionalizando o discurso do dominado e seu desejo de mudança (mas principalmente e sobretudo sua crença na possibilidade de mudança), o livro se sustenta em dois níveis: o coletivo e o individual. O primeiro é o social, em que a personagem assume um discurso notadamente feminista, visando a conscientização da mulher de seus direitos e da necessidade de emancipação. O segundo é o pessoal, em que a personagem narra os dramas íntimos da autora frente aos problemas conjugais. Assim se, por um lado, a personagem é a voz da emancipação feminina, sofre, por outro, as mesmas humilhações que, enquanto reformadora social, combate, tais como a infidelidade e o abandono:

Em mim, repetia-se de forma brutal e humorista, a tragédia da mulher brasileira. Mulher traída, usada, coisificada, objeto, substituída e desrespeitada na meia-idade quando já participou com forças e energia para a formação de uma família

*e de um patrimônio, dando os melhores anos de sua vida! Abaladrósima, ato rei-me no procênio das interrogações, pressentindo o doloroso "papel" que me obrigariam a desempenhar. (SPFR, 244-5)*

*O texto ganha, nesse nível, uma nova dimensão. O questionamento deixa de centrar no binônimo eu/social para centrar no binônimo eu/existência. Descortina-se agora um novo cenário para as especulações da autora, que deixa de priorizar o social, para mergulhar no inferno interior.*

*Assim, a dor da existência inibe o ser social, e a angústia humana personificada na personagem define o perfil do texto: aquela que tanto luta nas praças, nos auditórios e nos microfones para que a mulher assuma seus direitos e se emancipe encontra-se presa na armadilha do machismo, por tantas vezes combatida pela autora - personagem:*

*Um porquê de espanto e terror no futuro que era presente com emanações de passado. Medo também que apagado fosse o facho luz, fé a jorrar incessantemente do meu ser. O violento golpe de dor moral atirou minha alma para além do visível. Do real. Da exatidão dos fatos. Como eram recebidos pela mente em golfadas de agonia. Silêncio com aparência de serenidade. Absurdo sofrimento em forma de arte. Desenhando imagens ainda presentes do amor vivido e demarcado no quadro inalterável de minha plenitude que ama! Ao homem que não ama e usou-me durante trinta e quatro anos! Protesto e grito abafado no peito e na tristeza árida. Perdida com aparência de segura no labirinto de meus "porquês". (SPFR, 245)*

*Autora de grande expressividade, Aldenoura de Sá Porto expõe nas suas páginas a dor da mulher humilhada e abandonada. A narrativa assume nesse momento uma feição profundamente existencialista, em que o personagem, extremamente sensível e vulnerável, se depara com a dura realidade da transitoriedade das pessoas, coisas e sentimentos. Relativizada em função da relativização dos sentimentos que a sustinham enquanto pessoa íntegra, a personagem não apenas sente a própria dor, como também a dos outros, uma dor aguda e universal:*

*Em mim, repetiam-se as dores das mulheres que me escreviam. Mulheres de todas as classes sociais. Suas dores eram as minhas. Lágrimas e sangue de suas vidas em minha vida. Respondia suas cartas pelo rádio, recomendando-lhes que lutassem pela igualdade de seus direitos, que não cedessem, não admitissem que os companheiros, com casamento legal ou não, usassem-nas como coisa descartável. O mesmo punhal em minhas carnes. A mesma fórmula, grotesca e cruel. Humilhante e*

*doloroso processo na monótona repetição de comportamento, nos homens de todas as classes sociais. Defendia as mulheres, com estranha premonição do que mais tarde seria a cruz de meu calvário.*

*Sentia as emoções que sentem as mulheres apaixonadas quando perdem os companheiros. Sensação de destruição, sem interferências de bens materiais. Era muito mais. Algo vital. Celular. Tal intimidade neste sofrimento que o afastamento de um mutilaria o outro. Êxtase negativo. Momento de estranha vibração. Pavor. Terra e espaço. Céu e inferno. Luz e escuridão. Assim vivendo, desde o dia que soube que meu marido tinha amante. Sôfrega, impaciente, inquieta. Com medo de dormir. Para não sonhar com a tal horrenda entidade, arrastando-o sem escutar minhas súplicas para o deixar mais um pouco. Mais uma vida comigo! (SPFR, 246)*

*Poesia, inspiração, sensibilidade se unem na linguagem intensa e inspirada de Aldenoura de Sá Porto. Através do perscrutar da própria intimidade, Aldenoura faz uma radiografia o mais real possível da alma feminina em uma de suas mais cruéis provações:*

*Existe na alma de todos nós, mar encapelado, com aparência de lago sereno. Gritos surgidos de ruínas e mitos, iludido pela intensidade dos afãs. Enchendo a vida com a degradação do pouco que se pode enchê-la. E os valores humanos serão mitos também? A memória vazia destes valores é a qualidade da dedicação, da dignidade e da nobreza feita em mito, como a negação e afirmação de nossa fé.*

*Muitos dias negando valores e mitos. Falando em dores e decepções. Não apenas a minha. Dor universal, estigma da estreiteza e da unidade. Amor e dor na sensação do Todo. (SPFR, 248)*

*O assombro da personagem diante do que lhe ocorre nos dá a medida da dificuldade da emancipação, dos percalços culturais e sociais (e de sua força) que deverá ultrapassar a mulher no processo de libertação: Eu! Gloriosamente igual ao batalhão de mulheres derrotadas. Eu! Com tantos títulos conquistados, "dedo em riste" defendendo minorias discriminadas em palcos e auditórios. Aplaudida e vaiada. Microfones arrebatados, ali e aqui ligados, continuando a dizer que a maior conquista do século realizada pela mulher fora o trabalho. Que sua emancipação somente será possível se for liberada economicamente.*

*Eu! Liberada economicamente. Profissionalizada e bem-sucedida. Eu! Igual em minha sagrada condição humana, a todas as mulheres. Da favelada à mendiga. Da*

*analfabeta à letrada. Da mais rica à mais pobre. Exatamente Igual. Na dor. Igual. Na decepção. Igual. Na exploração. Igual!*

*O grito dramático da dor maior, a do abandono. Com as mesmas palavras, contidas no grito de toda mulher quando injustamente abandonada. Quando injustamente abandonada. Quando injustamente substituída. Vá embora! Você não presta! Você é um monstro! Vá embora! Eu o odeio! ... (SPFR, 251-2)*

*Finalmente, após enfrentar a via crucis da dor individual, a personagem consegue sair de si para o encontro com a coletividade:*

*Ninguém é sem afãs. Feliz quem os tem menos. Tive-os. Muitos. E agora os tenho cristalizados no Povo. Não existo mais em desejos particulares. Felicidade em termos individuais. Não sofro mais neuróticas aflições pelo tempo que julguei estático à minha espera. Diluída. Feita em nada. (SPFR, 308)*

*A personagem que emerge dos terrores do governo militar e dos fracassos afetivos é uma mulher forte, profissional, mas amarga e culpada por haver ficado rica e, portanto, ideológica e socialmente tão distante dos oprimidos que defendia:*

*Porque decorei expressivos textos da "Declaração Universal dos Direitos do Homem" e as recitava em modestas palestras, qualificaram-me "subversiva constituindo perigo à Democracia e à Segurança Nacional! E me baniram. Perdi tudo. Os filhos casados já me esqueceram. Pouco ou nada me visitam. Excluíram-me de suas vidas! Como dói, Kasturbay! Meu marido! Ah! Como o amei! Também esqueceu-me. Apenas tenho vergonha de dizer. Fiquei rica"! (SPFR, 317-8)*

*Nosso regime político obedece leis de Capitalismo selvagem. Incrível, eu que tanto preguei a liberdade e a igualdade e ainda prego fui obrigada bem-sucedida a ficar rica. Não magnata. Mas. Advogada bem-sucedida. Defendi-me dos agressores agredindo-os também. Fui forte. Ganhei. Honestamente. Absolutamente dentro dos cânones legais. (SPFR, 318)*

*A pena que, apaixonada, traçou a utopia em O grito de Augusto, agora amarga, desenha, a pulverização do sonho, em termos sociais e pessoais, erigindo um texto profundamente existencialista porque sustentado no enfrentamento da condição humana e da dor que esse enfrentamento acarreta.*

Seguindo a estrutura do texto adotado no decorrer de toda a historiografia, a obra de Aldenoura de Sá Porto é apresentada por meio da mesma seleção primorosa de excertos e apuro analítico dispensados aos demais autores que compõem a historiografia. À exceção do romance *Deus é mulher* (2011), espécie de tratado político-

filosófico-religioso, lançado posteriormente à publicação da história de Magalhães, todas as demais obras estão relatadas na reprografia, consoante ao estilo adotado para apresentar o conjunto de escritores e escritoras que compõem o livro.

Cabe, então, retomar os dois primeiros questionamentos, expostos no início desta reflexão, para especular sobre as motivações que ocasionaram a exclusão da produção literária da autora do conjunto da obra historiográfica e sobre os critérios que teriam motivado esse apagamento? Ou, ainda, valeria ignorar tais apreensões e tão somente devolver a Aldenoura o estatuto de escritora mato-grossense, e brasileira, que lhe fora silenciosamente arrancado, respondendo assim aos questionamentos posteriores, quais sejam: é possível, sim, reescrever/reinscrever Aldenoura de Sá Porto na história da literatura de Mato Grosso do século XX e reestabelecer o cânone reconduzindo-a ao lugar de reconhecimento e validação via leitura, pesquisa, análise e reedição de sua obra ou de parte dela.

Ora, vivenciou-se, no final de século e de milênio, abalos irreversíveis nos alicerces de formas hegemônicas de pensar a realidade e construí-la como verdade. Nesse contexto, o principal aporte feminista à produção do conhecimento ocorre na construção de novos significados e na interpretação das experiências das mulheres no mundo, de modo que a realidade, como construção imaginária e simbólica, possa ser interrogada, repensada e transformada. Toda essa nova configuração gerou noções culturais de descentramento, abrindo caminho para políticas da diferença que, em determinadas conjunturas históricas e geográficas, no caso das sociedades coloniais ou de países subdesenvolvidos, têm constituído instrumentos importantes do processo de descolonização.

É nesse contexto que o revisionismo do cânone desencadeou uma série extensiva de estudos e pesquisas que estão alterando o mapa da produção literária e a própria configuração da historiografia oficial. É, portanto, a partir da revisão das historiografias postas que se reavalia a posição da mulher na literatura mato-grossense e valoriza as vivências femininas do ponto de vista individual e coletivo, estético e político. E é nesse mesmo contexto que se percebe e se aponta o passo em falso numa historiografia que é referência local, fato que determina novos olhares, novas direções e saberes outros para tornar visível aquilo que se apagou. É nesse contexto, ainda, que a descolonização passa pelo processo de descentramento e assegura uma construção historiográfica mais próxima dos valores simbólicos representativos da totalidade e mais distantes dos valores hegemônicos parciais e exclusionários.

## Referências

CARVALHO, Carlos Gomes de. *A poesia em Mato Grosso*. Cuiabá: Verdepantanal, 2003.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *História da literatura de Mato Grosso: século XX*. Cuiabá: Unicen Publicações, 2001.

\_\_\_\_\_. *História da literatura de Mato Grosso: século XX*. Repografia, [s.d.].

MENDONÇA, Rubens de. *História da literatura mato-grossense*. 2. ed. Especial. Cáceres: Ed. Unemat, 2005.

PÓVOAS, Lenine C. *História da cultura matogrossense*. São Paulo: Editora Resenha Tributária Ltda, 1982.

PORTO, Aldenoura de Sá. *Mulheres esquecidas*. São Paulo: Tipografia Irmãos Dupont, 1949.

\_\_\_\_\_. *A ceia dos condenados*. São Paulo: Brasil, 1955.

\_\_\_\_\_. *O grito de Augusto*. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1967.

\_\_\_\_\_. *Só porque eu fui à Rússia*. São Paulo: Lua Nova, 1987.

SCHMIDT, R. T. (Org.). *Mulheres e literatura: (trans)formando identidades*. Porto Alegre: Palloti, 1997.

## ALDENOURA DE SÁ PORTO: THE HISTORY OF AN EXCLUSION

### ABSTRACT

This text presents the initial phase of the research regarding the exclusion of Aldenoura de Sá Porto from the History of Literature of Mato Grosso – century XX, by Hilda Gomes Dutra Magalhães. The study of the written rescue and revisionism occurred due to the access to the research report, in which, the work of the female prose writer is inserted. Curiously, the excerpts and analyzes are not included in the book published in 2001, by the professor and researcher of the Federal University of Mato Grosso. Based on this rescue, it is attempted, to hypothesize in order to understand the removal of the female prose writer from the historiographic compendium and also problematize the exclusionary of significant and voluminous written work by woman.

**Keywords:** Aldenoura de Sá Porto, *History of Literature of Mato Grosso*, woman, literature.

Recebido em 23/08/2018.

Aprovado em 10/11/2018.